

Aqui do Meu Canto – Cavião – Visita obrigatória!

Já começa a ser um hábito meu e sempre na companhia da minha esposa, ir à procura do que eu chamo a cultura interior ou, melhor dizendo, o querer saber como está a cultura no interior de Portugal, ao mesmo tempo que vou passeando por esse país inesgotável de tanta beleza, pernoitando aqui ou ali, ou regressando ao meu "poiso" habitual na Praia da Barra. Afinal, com tantas estradas e autoestradas novas, tudo fica mais perto em Portugal, aliás, estradas que foram exigidas há muitos anos aos governos anteriores mas que, hoje, têm que ser pagas, doa a quem doer.

Aconteceu na primeira semana de Setembro, num dia de sol tórrido, ter resolvido ir à procura de um pequeno lugar chamado Cavião, tentando entender como é que ali, numa aldeia tão pequena e recôndita, existe um museu e uma biblioteca. Foi bem difícil de encontrar esse pequeno lugar, ali no Conselho de Vale de Câ-

mara. Essa dificuldade começou mesmo na cidade, porque resolvi fazer essa visita exactamente no dia em que os restaurantes se encontravam todos fechados, o que, para mim, se tornou extremamente penoso por ter de comer a horas certas as principais refeições do dia. Coisas de saúde. Porém, nada que não se tivesse resolvido com uma procura mais alargada e minuciosa.

Com algumas perguntas a alguns cidadãos que, casualmente, fui encontrando pelo caminho, lá cheguei à entrada de Cavião, aonde uma placa direccionava o nome da aldeia e, por baixo, uma outra, em metal amarelo com letras a preto, indicava o "MUSEU E BIBLIOTECADR. LUCIANO DA SILVA". Ora aí estava o que eu procurava!

Fui conduzindo o carro por um estreito caminho alcatroado, ladeado de casas rurais construídas em pedra, habitações carregadas de *estórias* e de história. Era exactamente

isso que procurávamos e lá encontrámos na casa onde nasceu o Dr. Manuel Luciano da Silva, médico e historiador, agora bem conhecido pelas suas consultas à distância. Mas, voltando à aldeia, conforme fui avançando com toda a atenção (em certos momentos, fui até forçado a fazer algumas manobras de recurso para conseguir entrar na rua seguinte, fosse ela à direita ou à esquerda), de tão concentrado na condução até passei mesmo o museu sem disso me ter apercebido no momento, o que me obrigou a uma inversão de marcha algo complicada. Ao longo do percurso tão sinuoso, encontrei três pessoas, uma das quais, um senhor na casa dos setenta anos, que me perguntou: - Mas afinal de onde é vossemecê? Ao que respondi ser de Ilhavo. Não calculam as *estórias* que eu ouvi por causa desta revelação. O tal senhor, noutros tempos, havia feito várias "voltas" a Ilhavo em bicicleta e, inclusive, tem família

na "avenida dos capitães", isto, usando a sua própria expressão (eu sei chamar-se, oficialmente, Av.ª Mário Sacramento... Como o mundo é, de facto, tão pequeno. Claro, logo me senti em "casa"...

Na hora da abertura do museu, lá estava a bibliotecária Cristiana, uma jovem Senhora que viria a mostrar-nos, ao longo de mais de duas horas, a sua competência e aptidão, qualidades indispensáveis para o cargo que muito bem desempenha. A Cristiana deu-me, assim como a minha esposa, uma verdadeira aula sobre tudo o que envolve aquele museu e aquela biblioteca. Ambos saímos de lá mais ricos, não só com os novos conhecimentos mas também com mais uma amizade tão depressa conseguida.

Falar neste museu e dizer o que senti, não será possível em tão breves linhas. Na verdade, entrámos numa casa de família com dois quartos e uma cozinha, antiga habitação que alberga um espólio que se torna espantoso pela sua diversidade e naturalidade com que se encontra exposto. Afinal, foi com todos aqueles utensílios que a família do Dr. Luciano viveu. Desde as camas de ferro até aos garfos e colheres, passando pela lareira aonde tanta lenha se queimou para fazer comida e aquecer os corpos que a rodearam nas noites frias de inverno, o forno que terá cozido tanto pão, as cabaças do vinho, as medidas dos cereais, e tanto mais que só visto e nos faz voltar ao passado, quase tudo ali se encontra. Esta casa está recheada com tudo um pouco do que seria uma casa de aldeia naquele tempo, em que cada utensílio ou decoração nos faz meditar, seriamente, sobre as dificuldades daquele tempo, em contraste

com as facilidades dos nossos dias. Como se torna fácil, hoje, abrir um frigorífico e retirar de lá comida e bebida fresquinha, acender uma luz, abrir uma torneira de água quente ou fria ou, simplesmente, ligar um fogão, pegar no automóvel e ir ali ao lado, à vila ou cidade, tomar um café!

A Biblioteca é uma obra recente e moderna, tão moderna que até destoa do local onde foi edificada. Afinal, foi construída num meio rural em que a arquitectura da região nada condiz com o modernismo desta obra. Porém, não poderia ser de outra maneira. Então, entre a necessidade da educação de um povo e o romantismo que não se compadece com certas modernices (e eu próprio sou um romântico), terei que dar a mão à palmatória e concluir que, afinal, primeiro estão as pessoas e é preciso pensar na sua comodidade, isto tendo em conta que, aos domingos, o salão transborda de gente para ouvir e falar com o homem que tudo mudou na vida desta boa gente. Médico, pai e amigo, o Dr. Luciano da Silva cumpre uma "missão" a todos os títulos notável dando consultas, gratuitamente, via Internet, com transmissões daqui dos Estados Unidos, via Skype, tornando-as mais reais pelas imagens exibidas num ecrã gigante. Ninguém paga nada e, por isso, este médico e historiador que conta já com mais de oito décadas de vida, ainda não teve tempo para se reformar. Aos domingos, como dizia, lá está ele com toda a sua boa disposição, falando com as pessoas da sua aldeia, e não só, transmitindo-lhe todo o seu imenso saber de ciência e experiência feito. Para que todos o entendam bem, transmite a sua mensagem de forma simples, qualidade que o



Luís Nunes

aquidomeucanto@hotmail.com

caracteriza. E se eu o conheço bem. Há vários anos que o acompanho através dos seus programas televisivos e, mais recentemente, até nos encontramos com alguma frequência. Imaginem que o Dr. Luciano "descobriu" até que somos conterrâneos, eu de Ilhavo e ele de Cavião. Na verdade, somos só do mesmo distrito mas, a tanta distância, da mesma terra...

Muito haveria para falar do Dr. Luciano da Silva e da sua "missão" humanitária notável, como médico. Até como historiador, teríamos vasto campo para nos alargarmos. Mas, para falarmos de todas as facetas deste Homem de coração enorme, seriam precisas várias páginas deste jornal o que, por ora, não é possível, obviamente.

Não quero, no entanto, terminar esta crónica sem que denuncie, publicamente, o privilégio que eu sinto por poder considerá-lo "amigo" e, ao mesmo tempo, agradecer ao Dr. Luciano da Silva e sua esposa, D. Sílvia, o prazer que me dão sempre que nos sentamos à mesma mesa na pastelaria Lydias Bakery aqui em New Bedford, local que já se tornou nosso ponto de encontro. Cada momento em que conversamos torna-se, de facto, momento único na minha vida.